

Projeto de vida e futurabilidade: a adolescência como um analisador do tempo

Maria Cristina Gonçalves Vicentin
Yliah Cavalcanti Sardinha

Neste texto, pretendemos trazer uma pista sobre a nossa ação clínico-política com adolescentes que considere sua posição situada geopoliticamente, que é muitas vezes uma experiência sitiada (Dominguez, 2016), como vemos nas segregações socioespaciais com que se quer conformar as periferias.

Tal perspectiva geopolítica vem se intensificando com a radicalização das análises com base na tanatopolítica e na necropolítica (Mbembe, 2020), que colocam na linha de frente a atenção às “geografias racializadas” e sua “topografia da crueldade” (Alves, 2011, p. 117-118) com as políticas de exílio, inabilitação e morte de adolescentes e jovens por meio de estratégias de criminalização e patologização. Cabe lembrar que foi na Colômbia que se adotou pela primeira vez a palavra “descartáveis” para nomear os jovens que o narcotráfico recrutou para as muitas guerras. Mas foi ali também que pela primeira vez se chamou a atenção para pensar as adolescências da periferia global em sua potência de invenção de mundos e sua produção cultural como modos de re-existência (Martín-Barbero, 2008).

De fato, adolescentes e jovens, em especial desde a década de 1980, têm empreendido uma série de experiências corporais e de performances no espaço público – por meio da música, da dança, do grafite, da literatura marginal – que encurtam a distância entre a demanda por direitos e a sua prática. Tal é o caso do deslocamento que eles

operam do estigma para o emblema, invertendo as qualificações negativas que lhes foram imputadas na forma do orgulho da periferia, afirmando a periferia como dimensão existencial e vetor de subjetivação. Essa direção descolonizante por eles forjada tem contribuído para a politização das violências – seja daquela(s) a eles dirigida ou daquela(s) que eles protagonizam. Tal politização se faz na assunção, pelos próprios jovens, de uma luta por justiça e por acesso a direitos, o que contribui também para a arguição dos efeitos do patriarcado que têm como base a incapacitação sociopolítica dos adolescentes e jovens e o uso do discurso protecionista como argumento de dominação e de assujeitamento.

Mas a ideia de periferia global proposta pelo simpósio que deu origem a este livro levanta possibilidades de pensar o encontro entre Norte e Sul na forma dos agenciamentos coletivos de enunciação que ligam os adolescentes *descartáveis* da América Latina aos adolescentes das periferias de todo o mundo (como os imigrantes, os refugiados e todos os que vivem os efeitos das desigualdades e de outros processos coloniais). Assim, a pista que buscamos evidenciar visa conectar a disposição de rebelião dos adolescentes do Norte e do Sul, tomando o “global” não como um “universal”, mas como uma dimensão de subjetivação – impessoal e singular – e que diz respeito à relação dos adolescentes e jovens com o presente como uma dimensão privilegiada da existência.

Tomamos aqui a indicação formulada pelos sociólogos italianos Alberto Melluci (1997, 2001) e Carmen Leccardi (2005), que sugerem que os jovens são um termômetro particularmente sensível das transformações relativas ao tempo. Já nos anos de 1980, as pesquisas sobre o tempo dos jovens na Itália registravam um deslocamento: uma atenção especial ao presente como área temporal de referência;

uma passagem do futuro para o presente. Como propôs Leccardi (2005), em resposta às condições sociais de grande insegurança e de risco, alguns jovens encontram refúgio em projetos de curto prazo, na forma de um “presente estendido”. Alberto Melluci (2001), por sua vez, evoca a figura dos “nômades do presente” ou dos “pássaros migratórios” como metáfora biográfica das adolescências para chamar atenção para as experiências dos jovens como enormes “laboratórios de invenção”, não porque as projetam (suas aspirações), mas porque já as praticam. Os “nômades do presente” não perseguem uma meta, mas exploram o mundo, envoltos pelo provisório. Adquire força, nesse contexto, a tendência à experimentação – entendida, entretanto, não segundo a costumeira referência a um itinerário marcado por experimentos e erros, com o objetivo de identificar as vias mais idôneas para atingir um dado objetivo. Os “nômades do presente” rodeiam, sem uma meta precisa, por lugares não conectados, estações singulares de suas biografias, cujas conexões podem ser eventualmente identificadas como resultado de uma reflexão *ex post* e não com base em um projeto. Mais ainda, o autor sustenta que, ao reverter a definição adulta do tempo, os adolescentes contestam as variáveis dominantes de organização do tempo na sociedade. Eles revelam o poder presente na suposta neutralidade técnica da regulação temporal da sociedade.¹

1 Tal hipótese de trabalho trazida por Melucci (1997, 2001) e Leccardi (2005) se ancora numa análise mais ampla das mudanças em curso na modernidade contemporânea, quando se esboçam novas modalidades de relação com o futuro (e com o tempo), caracterizadas por uma “crise do futuro”, quando se privilegia sua dimensão incerta. Para os mesmos autores, essas novas formas de temporalização não implicam, entretanto, a pura e simples perda do futuro e a renúncia ao projeto *tout court*. Ao contrário, uma parte, ao menos do mundo juvenil, elabora respostas capazes de neutralizar o temor paralisante do futuro, tomando a incerteza do ambiente como um dado não eliminável, que deve ser transformado em recurso graças a um exercício constante de consciência e de reflexividade. Outros jovens podem não contar com os suportes necessários para construir sua própria autonomia e são expulsos para uma identidade sem espessura temporal.

Desafiando a definição dominante do tempo, os adolescentes anunciam para o resto da sociedade que outras dimensões da experiência humana são possíveis. E fazendo isto, eles apelam à sociedade adulta para a sua responsabilidade: a de reconhecer o tempo como uma construção social e de tornar visível o poder social exercido sobre o tempo (Melucci, 1997, p. 11).

Tomaremos essa indicação para interrogar a ideia de projeto como um princípio capaz de estruturar/alavancar biografias, a partir da proposta socioeducativa que toma a elaboração de um projeto de vida como uma das direções da execução da medida.²

Obviamente, a estratégia de subjetivação investigada junto aos jovens vivendo na Europa não pode ser transferida de forma direta para o contexto perverso com o qual se defrontam jovens privados da materialidade do trabalho e do acesso a recursos para sua autorrealização, desprovidos do direito à juventude. É necessário fazer distinções entre a vida dos jovens “incluídos socialmente”, que têm redes de proteção capazes de sustentar essa construção, e as vidas dos adolescentes “excluídos socialmente”, em que os processos de vulnerabilização se intensificam, fraturando a ideia de projeto ao ofertar um futuro sem projeto.

No entanto, queremos destacar aqui a perspectiva temporal-intensiva que percorre a vida dos adolescentes e jovens nos contextos periféricos, sem perder de vista essa singular inscrição histórica e territorial.

2 A proposta socioeducativa e outras políticas, como as que recentemente foram adotadas para o ensino médio, privilegiam a construção do projeto de vida, sustentando a adolescência como momento de plasmar sua identidade e assumir um lugar na sociedade e um papel na dinâmica sociocomunitária em que está inserido, tendo o projeto uma centralidade nessa operação.

De fato, a visão projetista que perpassa o debate sobre adolescência e socioeducação está ancorada numa perspectiva temporal em direção ao progresso e ao bom desenvolvimento, seja como adaptação do sujeito à realidade, seja como superação de uma situação objetiva. Ou seja, a ideia de projeto que vigora nesse campo é a de uma forma de seleção – subjetivamente construída – entre múltiplos “futuros virtuais” disponíveis, capaz de destilar das fantasias e dos desejos que o substantivam objetivos alcançáveis, dotados de uma clara medida temporal. Tal perspectiva projetivista se assenta inclusive como um contraponto à tese sobre as vivências imediatistas que atravessariam a vida de jovens excluídos e marginalizados, uma vez que as necessidades do momento impedem o movimento de antecipação obrigatório para a construção do projeto (Melo, 2021; Sardinha, 2021).

É certo que os Planos Individuais de Atendimento (exigência da medida socioeducativa) têm sido vistos como projetos de orientação e de inserção de adolescentes, tendo como horizonte um projeto de vida emancipador. Mas, como aponta Melo (2021), prevalece uma perspectiva basicamente interventiva e instrumental – pautada num “melhoramento”, em termos de desenvolvimento –, e não crítico-existencial, muito menos política. Desse modo, ele se transforma em instrumento técnico de compilação de informações e contratos que cercam a família, a criança e o adolescente, servindo como ponte na atuação entre assistência social e Judiciário, deixando apenas duas escolhas possíveis para o jovem: sujeitar-se ou ser punido.

O projeto de vida é visto como uma forma de antecipação do futuro a fim de domesticá-lo e como uma busca por resultados valiosos por meio da articulação entre processos e oportunidades, que resultariam em mudanças. Assim, as premissas da noção de projeto têm

estreita ligação com a lógica neoliberal, produtivista e funcionalista, partindo de uma concepção permanente e universal de autoconsciência e autodeterminação, tomando o progresso humano como um movimento natural, linear, direcionado, crescente e expansor. Além disso, ao trabalhar com a ideia de autoconsciência e autodeterminação, prevalece a ausência de uma dimensão política na leitura da subjetivação necessariamente determinada pelos outros e pelas relações de poder e saber (Melo, 2021).

Ainda na perspectiva do mesmo autor, impossibilitada de acessar as condições necessárias para a construção do projeto, mas obrigada a construí-lo em troca de alguma ajuda subsidiária com a promessa de emancipação, essa população fica à mercê da desilusão e dos resultados decepcionantes, já que o projeto a ela imposto não apenas foi artificialmente construído, muitas vezes com um terceiro confiscando a posição de autor, mas também raramente é circunscrito sociopoliticamente.

Ou seja, no caso dos adolescentes da periferia global, para os quais há a experiência de viver permanentemente com a “angústia do aniquilamento” (Mbembe, 2020), não é apenas a relação com o território que está em jogo, mas o desenho de uma certa cronopolítica.³ Nesse caso, a leitura projetivista tem pertinência? Ou estaríamos diante de uma intensificação da potência da vida, de uma forma diferente de operar o tempo, na qual o projetivo precisa ser pensado de outro modo?

3 Virilio e Lotringer (1984) forjam o conceito de *cronopolítica* para se referir ao governo do tempo e da vida exercido pela primazia da velocidade, que atua diretamente nas temporalidades vigentes, tendendo a abolir a própria ideia de duração. Dizem os autores que seria preciso um outro regime de temporalidade que restituísse ao homem sua condição de habitante do tempo. Assim, não bastaria uma política do espaço, mas seria preciso forjar uma política do tempo, uma cronopolítica que desafiasse o modelo dominante de controle do tempo.

Michel e a invenção de um outro tempo⁴

Vejamos como um fragmento da narrativa com o adolescente Michel, durante seu processo de cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida, ajudar-nos-á a circunscrever esse vetor da cronopolítica. Neste trecho, encontramos adolescente e técnica durante um atendimento:

Hoje, no entanto, eu precisava conversar com ele para conseguir algo, por mínimo que fosse, para escrever no já atrasado relatório de acompanhamento, pois haviam se passado muitos dias sem ações consideradas “efetivas”. Fiquei feliz pela sala estar mais aconchegante, quem sabe ele se sentiria mais à vontade. Esparramados, ele deitado com a cabeça em uma almofada de coração e eu o olhava, apoiada nos cotovelos. “Michel, como você tá? Você sabe que chegou de novo o momento de eu escrever pro juiz e a gente precisa rever algumas coisas. Como vai ficar aquela situação da escola? Você quer mesmo tentar ir estudar com os outros meninos ou prefere tentar aprender a ler em um lugar específico pra isso?” Enquanto eu falava ele dava leves petelecos no meu braço e perguntava sempre: “Tá doendo?”. Eu respondia que não, e continuava a odiosa saga de conseguir alguma sustentação para um relatório que mantivesse o adolescente em liberdade. Alheio ao que eu falava, Michel pega a almofada de coração bordada com um “TE ADORO”, onde apoiava a cabeça, e me pergunta o que tá escrito. Peço pra ele tentar ler primeiro, como exercício. “TEM A DOR RO”

4 Esta seção apresenta o caso e a discussão do mestrado de Sardinha (2021), a partir de diário de atendimento da própria autora.

*fala ele devagarzinho, puxando o R. “Quase lá. Tenta de novo.”
“TEM A DOR O”, repete o menino. E de repente eu ouço a dor
no coração!*

Lembro de um único atendimento no primeiro ano de acompanhamento onde [o adolescente me disse] que tinha dias que o coração dele doía tanto, o peito ficava tão pesado que ele não conseguia levantar da cama e que ele achava que era depressão, porque tinha visto na TV e a mãe havia lhe falado.

[...] Anos se passaram e agora esse coração dóido aparecia de novo. Eu ali falando, pedindo para que ele me desse algo para o relatório, alguma ação possível dentro do formatinho designado do que os outros querem da socioeducação e ele me entregava novamente o que ele queria. O tempo todo esse coração que dói estava no atendimento, os petelecos e a constante pergunta “tá doendo?”, a almofada de coração na cabeça, o coração na cabeça. Perguntei do que doía, mas ele não sabia dizer. Pouco dizia sobre si e sobre os outros. Dizia que era preciso ser “cauteloso”, não sair falando as coisas por aí. O cauteloso que lhe mantinha atento e muitas vezes garantiu sua segurança era também o que não sabia falar de si. Emudecer, passar despercebido, desaparecer. Ele finalmente tirou um novo RG, mas só foi me apresentar mais de um ano depois. Na semana seguinte a isso, perde o documento. Segue sendo o menino que nunca entregou sua identidade.

Muito, muito tempo depois do dia do “TE A DOR O”, Michel pega uma caneta e diz que ia dar uma entrevista para a Rede Globo, que naquele cenário era eu. Já que ele finalmente se coloca em frente às câmeras, resolvo fazer perguntas e peço

para que ele fale um pouco mais sobre ele. Na entrevista para a TV, ele conta que, além de fazer as pessoas rirem, ser humilde, calmo e simpático, ele também tem um coração de ouro. O “TEMA DOR O” em algum momento virou “A D’OURO”: um novo coração foi produzido. Diferente do coração que dói e é cauteloso, o coração de ouro sobe no palco, canta, dança e manda umas rimas falando sobre quem nasceu pra brilhar. Quando perguntado se ele nasceu pra brilhar, Michel desvia os olhos, falando que ele acha que não, porque só nasce pra brilhar quem tem estrutura: família, casa, carro, estudo. “Quem tem dinheiro então? Quem tem ouro?”, pergunto a ele, que concorda com a cabeça. “E quem tem o coração de ouro, não nasceu pra brilhar?”, e ele sorri, em um dos poucos momentos desarmado: “Depois dessa não tenho nem o que te responder” (Sardinha, 2021, p. 75-77).

Um dos objetivos da medida socioeducativa imposta a Michel é a elaboração de um novo projeto de vida, a ser organizado e metrificado nas ações do Plano Individual de Atendimento. No entanto, o que Michel traz para seus atendimentos socioeducativos é esse coração que, cauteloso, aparece quando e como quer, às vezes até contra a vontade do adolescente.

O projetivo é dependente de um tempo linear e ascensor, com vínculos de causa e efeito entre o que houve e o que haverá, numa tentativa de construção contínua e direcionada, organizada e escalonada em passado, presente e futuro. Como pode o coração de Michel caber nesse tempo, quando bate no seu próprio ritmo, não necessariamente com uma direção definida, uma produção ou objetivo a ser alcançado?

Sodré (2017) salienta que essa concepção de tempo e percepção da temporalidade foi construída a partir de uma lógica da filosofia ocidental. A passagem do tempo seria um modo de subjetivação, eis que independente do movimento cosmológico (Sol, estrelas etc.), e sua tripartição em passado, presente e futuro é uma abstração na qual passado e futuro figuram enquanto objetos privilegiados pelo pensamento ocidental. O presente já nasce velho, carregado pelo que passou, transitando em movimento infinito, linear, contínuo e quantificável. A tripartição da percepção temporal causa ainda uma divisão entre tempo e espaço, como se não fossem convergentes e conviventes.

A essas restrições, Rufino e Simas (2019) vão chamar de “cárcere temporal”, ao qual o colonialismo europeu-ocidental nos submeteu e do qual nem o presente escaparia, uma vez que está submetido a essa lógica aprisionadora. Como forma de transgressão, é preciso trazer o diverso novamente para jogo, apresentado por meio de Exu e Orunmilá na tradição nagô. “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que atirou hoje” é o aforismo nagô que situa a relação de Exu enquanto fundador do tempo.⁵ Por meio da ação/acontecimento, Exu inventa o tempo, quebra sua linearidade enquanto absoluto e propõe uma coexistência temporal em retrospectção e prospecção. A capacidade de modificar o passado não é temporal, mas temporalizante, uma temporalidade que não é constituída, mas constituinte. A partir da ação/acontecimento, é possível a Exu modificar aquilo que já estava posto, fundando seu próprio tempo, que não é tributário de começo nem fim, por ser o próprio processo (Sodré, 2017).

5 Sodré (2017), Rufino e Simas (2019) e Rufino (2019) se debruçam sobre esse aforismo em suas obras.

Podemos pensar que o coração que se precipita nos atendimentos inaugura o processo socioeducativo de Michel, permite que ali ele trabalhe o que lhe interessa, a seu tempo. O que anteriormente não cabia nos objetivos da medida socioeducativa e em seu Plano Individual de Atendimento passa a caber, como se sempre estivesse ali. Nessa precipitação do coração, Michel inventa a socioeducação não só para si, mas alarga seus contornos enquanto política.

Como Enugbarijó,⁶ a boca que tudo come, as medidas socioeducativas, da forma como são propostas, são engolidas pelo fazer adolescente, para serem então devolvidas modificadas, transpassadas. Não se trata, então, de destruir o projetivo, mas de destroná-lo (Rufino, 2019). Diante daquilo que se apresenta enquanto caminho único, a encruzilhada de Exu traz infinitas possibilidades, tornando o projeto de vida nos moldes que conhecemos apenas mais uma delas.⁷

Isso se faz presente no acompanhamento da medida de Michel, em que houve atenção para as responsabilidades estipuladas, como os encaminhamentos e cuidados com a saúde, a escolarização e a alfabetização, os contatos com a cultura e com o esporte e o fortalecimento da família, mas não só. Criou-se escuta, espaço e tempo no sustentar conjunto com o adolescente do coração que doía, sem um conhecimento *a priori* dos desdobramentos dessa aposta.

6 Enugbarijó, uma das várias facetas de Exu, é “a boca do mundo” ou “a boca que tudo come”, representando a transformação por meio do ingerir e regurgitar (Rufino, 2019).

7 A lógica europeia-colonial nos leva a pensar encruzilhada como a necessidade da escolha entre dois ou mais caminhos. Exu é a própria encruzilhada, a existência nas inúmeras possibilidades: “A potência da encruzilhada é o que chamo de cruzo, que é o movimento enquanto sendo o próprio Exu. O cruzo é o devir, o movimento inacabado, saliente, não ordenado e inapreensível” (Rufino, 2019, p. 18).

Exu tem um melhor amigo, Orunmilá, a quem todos recorrem quando necessitam de conselhos e direcionamento, sendo essa divindade também portadora da potência dos caminhos. Dizem Rufino e Simas:

Nesse sentido, caminho está implicado à noção de possibilidade, imprevisibilidade e inacabamento. É rigorosamente o inverso de “estrada”, que pressupõe a rota previamente traçada, com ponto de partida e chegada, sem atalhos (Rufino; Simas, 2019, p. 38).

Mais do que as possibilidades do vir a ser, Orunmilá carrega a sabedoria sobre as condutas que potencializam ou despotencializam a condição do ser/estar. Enxergando o dinamismo das existências, Orunmilá aponta para um exercício do ser/sendo, trabalhando as responsabilidades das múltiplas maneiras de ser/estar em contato com todas as demais existências. Em vez de considerar o adulto e a completude de um projeto como momento de plenitude, o que se sugere é uma potência a ser cultivada em todos os momentos. Não uma potência do ser, mas uma potência do ser.

Considerações finais

A socioeducação forjada por Michel não dá respostas; ao contrário, faz-nos sustentar o inacabamento, a descolonização da ideia de adulto e “melhoramento” pelo projeto de vida, sugerindo uma cronopolítica exusíaca (Rufino; Simas, 2019), considerando que “os futuros são inscritos no presente como possibilidades imanentes, e não como desenvolvimento necessário de um código” (Berardi; Silva, 2019, p. 182). Acompanhando Franco Berardi e Regina Silva (2019, p.

182), a futurabilidade é a pluralidade dos futuros inscritos no presente e, também, é a composição mutável da intenção coletiva.

A Rede Coletivo Amarrações tem substituído a ideia de projeto pela de sonho, tem sustentado dispositivos clínico-políticos que buscam acompanhar essa performatização do sofrimento sociopolítico em sua incidência coletiva, mas também em sua futurabilidade.

Construir espaços que sustentem a contradição e a pluralidade de caminhos permite transpassar uma rigidez projetiva, apostando em uma construção outra do futuro, na qual crianças e adolescentes possam participar das invenções do tempo.

Referências

ALVES, Jaime Amparo. Topografias da violência: necropoder e governamentalidade espacial em São Paulo. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 22, p. 108-134, 2011.

BERARDI, Franco; SILVA, Regina. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu, 2019.

DOMINGUEZ, Alfredo Nanteras. Juventudes situadas y sitiadas. In: DOMINGUEZ, Alfredo Nanteras (org.). **Juventudes sitiadas y resistências afectivas**. Tomo I. Violencias y aniquilamento. Mexico: Universidad Autónoma Metropolitana; Gedisa, 2016.

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, p. 35-57, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-32.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

MELO, Eduardo Rezende. **Direito ao desenvolvimento**. Arqueologia de um dispositivo na subjetivação de crianças e adolescentes. São Paulo: Intermeios, 2021.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 5-14, set./out./nov/dez. 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 dez. 2022.

MELUCCI, Alberto. **Invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SARDINHA, Yliah Cavalcanti. **Do projetivo ao manifestante: socioeducação, projeto de vida e intensidades adolescentes**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. **Guerra pura: a militarização do cotidiano**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.